

Transculturalidade, interculturalidade e sincretismo

Massimo Canevacci

Analisa a crise da perspectiva multicultural comentando sua formação nas ciências sociais norte-americanas no começo do século XX, refletindo sobre sua progressiva repercussão e explicando sua afirmação tardia na Itália. A multiculturalidade e seus subsequentes desdobramentos – a interculturalidade e transculturalidade –, irradiam a cultura hegemônica através de regras estáveis e unificadas, agora colocadas em xeque pelas novas formas de sociabilidade geradas nas metrópoles comunicacionais do mundo contemporâneo.

Comunicação estética, antropologia visual, cultura metropolitana.

Nos processos culturais que estão atravessando o mundo inteiro, a Itália tem assumido papel atípico que deve ser observado, interpretado e possivelmente transformado com sensibilidade que conjugue capacidades etnográficas de levantamento e escolhas de valorização das mutações.

Tradução Isabela Frade.

O debate parte da crise da perspectiva *multicultural*. Na primeira parte do século passado, para fazer frente aos fluxos migratórios, afirmou-se nos Estados Unidos uma visão plural da cultura em seu significado antropológico clássico (modo de vida, valores, comportamentos, estilos, crenças, etc.), enquanto entre nós a cultura esteve presente em seu sentido “humanístico”, baseado na origem-pureza-autenticidade, ignorando ou contestando desde há muito qualquer perspectiva multicultural. Não só: quando essa visão se afirmava nos Estados Unidos, na Itália eram promulgadas as leis raciais. Depois de quase meio século, o problema da imigração começou a apresentar-se não apenas em nossa periferia, mas atingindo os centros urbanos, e agora se importa o tal conceito já obsoleto. De fato, aquele tipo de antropologia progressista, aplicada para resolver a coexistência dos tratos culturais diversos, havia realizado um modelo divergente daquele previsto: uma multiplicidade de culturas diferentes, cada qual encerrada em seu próprio recinto cultural, com seus próprios etnocentrismos bem cultivados, e com tendência a imaginar os países de origem em seus cânones mais marginais, reproduzindo atrasos e estereótipos nos países hospedeiros. E no centro desse estranho *multiverso* irradia-se “a” cultura hegemônica estadunidense através de regras estáveis e unificadas. O multiculturalismo, assim, torna-se um *slogan* que atesta o indiscutível controle na valorização de uma mesma cultura – aquela *wasps* – e a marginalização de todas as outras, mais ou menos *exotizadas*, em mútua competição para serem reconhecidas e convidadas a se sentarem na última fila do teatro social.

Dois filmes – que parecem diferentes – definem este ambíguo processo multicultural: primeiro *West Side Story*, que transforma a oposição familiar ao amor trágico de Shakespeare em oposição racial nos balés “progressistas” de Jerome Robbins. Depois *Blade Runner* que aparentemente elogia o mix multiétnico, enquanto de fato todo aquele agito dentro do cadinho de uma LA “futurista” não é mais do que a legitimação do modelo multicultural: as regras que determinam sempre os brancos na versão humana (o *herói*), na pós-humana (o *clone*), e naquela semidivina (o *criador*). O arco histórico-cultural que atravessa esses anos de Nova York a Los Angeles (não só no cinema) simboliza o domínio imodificável dessa visão multicultural que centraliza o branco-*wasp* e que torna periférico todo o resto. E também sua crise...

A conseqüente crise de tal modelo levou muitos mediadores culturais a abandonar o termo e a propor a *interculturalidade*. A diferença aparece subitamente evidente: a passagem do *multi* ao *inter* vai afirmar uma perspectiva de entrelaçamento na qual o nexo entre as diversas culturas – vistas todas como mais ou menos paritárias – deixa de ser um problema nacional e se torna uma relação global. A interculturalidade, de fato, é uma tentativa de traduzir outra terminologia que está assumindo *leadership* formativa: *cross-cultural communication*. A inovação não é de agora, mas de quando se insere a dimensão comunicacional como substantivo fundante do atravessamento cultural. Só que a modulação especializada que rapidamente se afirmou tornou-se um prontuário funcionalista sobre como fazer frente a simples problemas expressos em linguagens diversas, espécie de caráter gerencial, deixando num fundo objetivado ou neutro o contexto global. Em suma, comunicação entre pessoas diferentes, para trabalharem melhor sob determinadas condições.

De novo a matriz antropológica da cultura vem sendo utilizada politicamente para refinar as contradições estridentes e tornar funcionais as diferenças “étnicas” em recíproca tolerância produtiva para uma gestão dos recursos humanos eficiente, higiênica e já claramente transnacional. Aceno somente para o fato de que tal conceito de cultura permanece aquele clássico, unificado e homogêneo para cada grupo humano, enquanto há muito as vertentes mais interessantes da pesquisa antropológica já sublinharam a importância de posicionar as culturas sobre um trato plural, descentrado, fluido, sempre em movimento.

O multiculturalismo é endogâmico, voltando-se para o interior de um estado-nação próprio; a interculturalidade é exogâmica, se estendendo globalmente a outros confins.

Ora, o vetor intercultural parece tornar-se um treinamento para gerir e resolver os riscos de incompreensões linguísticas e, obviamente, culturais entre os diferentes. E em tal conceito do *diverso* permanece uma centralidade “étnica” que segue embutida nas discussões com a mesma força valorativa com que seu antecedente – a “raça” – foi confinada aos horrores linguísticos e políticos da humanidade. Não existe nenhum motivo científico

para selecionar, ainda que apenas implicitamente, tal indicador étnico ou racial diante de uma miríade de variáveis como território, gênero, renda, trabalho, área geográfica, preferências alimentares ou gostos eróticos, escolhas políticas, musicais, estéticas e assim por diante. Ao contrário, é hora de declarar obsoleto o neocolonialismo no vínculo *intercultural-eticidade*.

Pessoalmente sempre preferi a expressão sincretismo cultural e ainda estou convencido disso. Com tal perspectiva, de fato, a questão deve ser posta segundo as diversas diagonais que aceitam irregularidades, conflitos, tensões, renunciando ao funcionalismo asséptico. Minha perspectiva se baseia em alguns conceitos-chave:

- *Transurbanismo ou metrópoles comunicacionais*: a cidade industrial se dissolve no ar, em um ar de *pixels* que desenha uma nova metrópole baseada mais na comunicação do que sobre o conceito oitocentista de sociedade. Em tal novo contexto, atravessamentos, enxertos, mutações, cruzamentos, hibridações fazem parte constitutiva da experiência cotidiana. A *experience-design* desenha então não apenas objetos, mas *coisas-seres* – materiais e imateriais, orgânicas e inorgânicas – que solicitam e mobilizam a experiência emocional do sujeito. Ao lado das novas arquiteturas e de uma arte que se expandem nos setores quotidianos e públicos, a expressão das emoções liquefeitas na experiência da metrópole comunicacional define os trânsitos urbanos e culturais denotando com extrema felicidade a morte do conceito de cultura como qualquer coisa de unificado, compacto, geral.

- *Hibrididades*: as identidades são o território mais difícil e conflituoso para tais trânsitos. Desde muito o conceito de identidade tem sido reivindicado como fundado sobre raízes precisas e estáticas: a identidade conectada a um trabalho fixo por toda a vida, a um matrimônio indissolúvel, a um território conhecido, a uma sexualidade definida, a uma classe etária exata. Trabalho-amor-território-geração enquadravam a identidade em moldura estável. Ora, tudo isso se dilui em constante mutação identitária que favorece, especialmente em alguns sujeitos, a inédita possibilidade de viver uma multiplicidade identitária (laboral, sexual, espacial, geracional). O *multívduo* – um sujeito que coabita com uma pluralidade inquieta de “s” – entra em cena e conflito com os esquemas tradicionais que se revelam resistentes (fundamentalismos).

- *Tecnossincretismos*: o sincretismo se desvincula de sua matriz cultural tradicional (religiosa ou popular) para atingir o coração da lógica e da política clássica, em particular a dialética com os seus dualismos e a síntese. Os sincretismos fluidificam e desregulam qualquer hipótese de feliz solução universal ou dicotômica. Com essa finalidade se entrelaçam com a tecnologia digital em cujo corpo mutante (*body-corpse*) desafia-se a racionalidade tradicional, exalta-se o *mix* entre corpos e códigos irreconciliáveis, afirmam-se conceitos sensoriais. Coexistem o incongruente, a aporia, o temporal, o fragmentário, o híbrido, que deslizantes se mesclam e às vezes espontaneamente se tornam potencialida-

de de trânsito pelas constelações cognitivas dos significados móveis, como a identidade e a tecnologia. O digital exalta o sincretismo e não a síntese. É, assim, evidente: basta pôr em escuta a publicidade e perder de vista alguns filósofos.

- *Polifonias dissonantes*: a dissonância é constituída de tais processos diagonais, disparatados, irreduzíveis a modelos harmônicos. A harmonia musical e a social se esgotaram nos instrumentos dos estados-nações autoritários ou nas igrejas monoteístas. As vozes, os rumores, os sons – tudo *soundscape* metropolitano e digital – dissonam o sujeito *multívíduo*, liberando-o das imaginadas utopias que acalmavam e enrijeciam cada mutação. O estridor acústico é parte constitutiva da experiência emocional compositiva que se distende em multiplicidade polifônica para além das harmonias estanques. Bela, belíssima, mas inaudível. Por isto as polifonias desafiam as monoescrituras lineares e cada discurso monológico. Conjugam e atravessam linguagens profundamente diversas, que sempre mais somos habituados a decifrar simultaneamente em uma *homepage*, e cuja composição é bem diversa da primeira página dos jornais impressos (*front-page*).

- *Arte, design, arquitetura, publicidade*: todo o multiverso da comunicação digital aplicado às novas formas expressivas impulsiona para além da perspectiva pictórica e lógica como se afirmava do Renascimento em diante. As culturas fragmentadas e sincréticas, moduladas no digital liberam tais potencialidades, não obstante estarem as universidades - tantas universidades - ainda constitutivamente analógicas. Emoção e experiência não são termos naturalísticos que tais artes descobriram, nem estão aderidas às suas matrizes filológicas ou filosóficas. Nessas se exprime a potencialidade de que lógicas inéditas possam compartilhar os espaços metropolitanos e digitais dos multívíduos para praticar aquilo que poderia ser, para liberar o que *ainda-não-é* bloqueado pela estética oitonoventista. Ambos são compenetrados pelas multissensorialidades e multissequencialidades que se distendem em torno de um sujeito sempre menos social e cada vez mais comunicacional.

Segundo tais perspectivas pós-euclidianas, termos como interculturalidade, transculturalidade ou multiculturalidade são deslocados de suas matrizes raciais ou étnicas que só reproduzem domínios mais ou menos superados; os sincretismos culturais ultrapassam um problema epistemológico e político que a ciência ocidental não poderá jamais resolver segundo aquela tradição: definir a identidade étnica como se deu entre os brasileiros, por exemplo, com base em um formulário objetivo e obsoleto, que terminou por produzir resultados desastrosos e inúteis: agora se solicita a cada pessoa que defina a própria identidade *cromática*. Desse modo diversas tipologias são omitidas (brancos, amarelos, mulatos, negros) e a estatística se faz imprecisa e multiforme, o que tornará mais inútil tentar fixar a raça ou a etnicidade de uma pessoa. Entretanto o paradoxo é que cada multívíduo terá a sua própria etnicidade, tornando obsoleto tal termo colonial, assim como o *design* contemporâneo pós-industrial é *individual oriented* e o *target* publicitário coincide com a atmosfera de um único cliente. Que seja transculturalidade a definição adotada torna-se,

assim, coisa substancialmente inútil ou indiferente: o importante é que as relações se baseiam sobre constelações móveis feitas de tecnossincretismos transurbanos, hibrididades polifônicas e dissonantes, mix emocionais de arte e *design*.

Talvez seja mesmo um extenso *design* emocional que resolva e dissolva a interculturalidade...

Massimo Canevacci (Sapienza – Università di Roma, Roma, Itália) é docente de antropologia cultural e arte e cultura digital junto à Facoltà di Scienze della Comunicazione dell'Università degli Studi di Roma "La Sapienza". Ensina e faz pesquisa regularmente também no Brasil. Entre suas publicações: *Comunicação visual*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2009; *La linea di polvere. I miei tropici tra mutamento e auto-rappresentazione*. Roma, 2007; *Fetichismos visuais*. São Paulo: Atelier, 2008; *Culturas extremas*. Rio de Janeiro: DpA, 2005; *Sincretismos*. São Paulo: Studio Nobel, 1996; *A cidade polifônica*. São Paulo: Studio Nobel, 1997. / maxx.canevacci@gmail.com